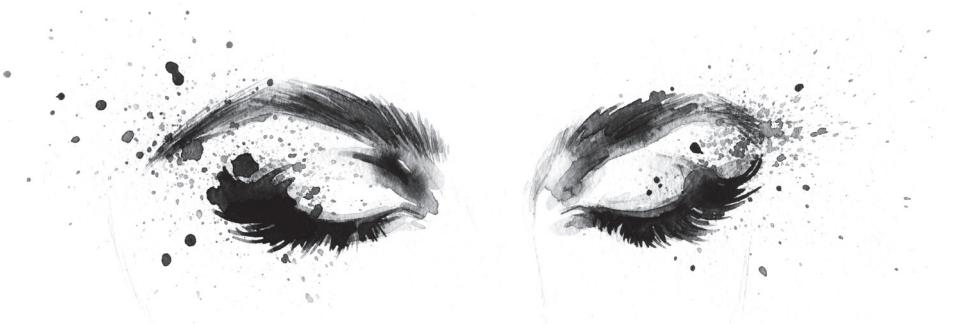


JENNIFER PROBST



À procura  
de alguém

Tradução

CAMILA POHLMANN

pa ra e a

Copyright © 2013 by Jennifer Probst

Copyright da tradução para o português © 2016 by Editora Schwarcz S.A.  
Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com Gallery Books, uma divisão da  
Simon and Schuster, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Searching for Someday

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Anna Ismagilova/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Probst, Jennifer

À procura de alguém / Jennifer Probst ; tradução Camila Pohlmann. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original: Searching for Someday.

ISBN 978-85-8439-036-6

1. Romance norte-americano I. Título.

16-04435

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br)

*Cada amigo representa um mundo em nós,  
um mundo que provavelmente não tinha nascido até ele chegar,  
e é esse encontro que permite o nascimento de um mundo novo.*

Anaïs Nin

Escrevo histórias sobre amor e romance, mas nos meus livros você sempre vai encontrar amizades verdadeiras. Sem o meu grupo mais unido, que conheço desde a época do colégio, eu não seria a mesma pessoa. Podemos não nos ver com frequência, mas quando nos encontramos o tempo desaparece e não existe distância.

Jodi Prada, Lisa Hamel Soldano, Marlaine Scotto, Colleen LaPierre, Kimberly Cornman, Nancy Chaudhry, obrigada por estarem sempre por perto.

Pelas madrugadas de pôquer, pelo apoio nas fases de caras errados e de caras legais, nas crises de família e dores de cotovelo e em alguns dos momentos mais hilariantes da minha vida — eu adoro vocês.

As mulheres são demais.

# Prólogo

Era oficial.

Ela estava num encontro dos infernos.

Kate Seymour levantou a taça de vinho, forçou um sorriso radiante e tentou não ficar olhando para o fiapo de queijo pendurado no queixo do acompanhante. O.k., ele era um tanto inadequado socialmente. Mesmo assim, não era certo ficar reparando no pedaço de frango à parmegiana colado no rosto dele.

Ela passou o guardanapo no próprio queixo, numa tentativa silenciosa de inspirá-lo a fazer o mesmo. Era um gesto universal entre as mulheres, usado quando queriam avisar umas às outras de que havia papel higiênico colado no sapato ou uma etiqueta de preço pendurada para fora da saia — mas o cara parecia ter faltado a essa aula.

Ele continuou falando sobre a empresa de marketing, o que era até interessante, mas como ela poderia se concentrar, quando só o que via era um pedaço de mozarela?

“Hum, Bradley? Você está com um n-n-n-negócio, hum, bem aí no seu...”

Ele passou a mão no queixo sem qualquer sombra de delicadeza, e o queijo caiu sobre o prato. “Obrigado. Então, estou muito contente por te conhecer pessoalmente. Gostei de conversar com você pelo telefone.”

De repente, Kate perdeu a fome. Empurrou o último pedaço de salmão pelo prato e concordou. “Eu também. Como empresária, sou fascinada por marketing, relações públicas e as melhores práticas para divulgar a marca. Que tipo de s-s-s-serviços você oferece na sua agência?”

Gagueira idiota. Sempre aparecia quando ela ficava nervosa ou queria causar uma boa impressão. Não que o acompanhante parecesse se importar com a pergunta. Na verdade, ele parecia bem mais interessado

no garçom; abriu um sorriso quando ele chegou para limpar a bagunça da mesa e fez um silêncio respeitoso até que terminasse.

Bradley revirou o espaguete e sugou os fios compridos por entre os dentes, assoviando. Quando finalmente conseguiu engolir, levantou o olhar. Seu rosto tinha uma expressão estranha. “Bem, eu não trabalho exatamente nesse departamento. Mas vou começar em breve. E sei mais sobre o assunto do que a maioria dos funcionários de lá.”

Hum. Ele havia insinuado que dirigia um departamento inteiro. Esquisito. “O seu cargo é de relações públicas, certo? Em que área se encaixa isso?”

“Porteiro.”

Kate piscou. “Ah. Puxa, aposto que você tem a oportunidade de conhecer um monte de gente interessante.”

Os lábios dele estavam sujos de molho. Ela fixou o olhar um pouco mais à esquerda.

“É. Achei que poderia começar a trabalhar em um cargo mais júnior e ir galgando posições aos poucos.”

Nem tudo estava perdido. Ela admirava os homens ambiciosos. Claro, ele tinha distorcido um pouco a verdade sobre seu trabalho, mas talvez estivesse com vergonha de contar a ela pelo telefone. Não que fosse julgá-lo; Kate não dava a mínima para o cargo do cara com quem estivesse saindo. Para ela, o importante era gostar do que faz. Até que a aparência dele não era ruim. Sem grandes surpresas, como ela preferia. Cabelo escuro e curto, olhos castanhos, rosto arredondado. Um pouco acima do peso, mas nada extraordinário neste mundo repleto de fast-food e recompensas imediatas. Kate detestava os bonitos e charmosos que usavam as mulheres só como objetos para alimentar o ego.

“Esperto. Você estudou na Universidade de Nova York, certo? Eu também me formei lá, em administração de empresas. Você cursou o quê?”

“Fiz um curso lá uma vez. Não cheguei a terminar, porque tive que tomar conta da minha mãe.”

Imediatamente, ela sentiu lampejos de solidariedade e esperança. O respeito pela família era sinal de um bom parceiro. “Que pena. Ela está doente?”

Migalhas de pão italiano caíam pelo canto da boca dele. Sim, as refeições com ele seriam dramáticas, mas um homem que cuida da mãe só pode ter um coração de ouro. “Ela tem artrite. Resolvi ir morar com ela e ajudar.”

Por que será que parecia ter mais coisa nessa história? “Ela tem dificuldade para se movimentar? Já ouvi dizer que os casos mais graves podem causar muita dor.”

Bradley fez uma pausa para beber água, que foi se juntar à refeição completa que ele já tinha espalhada pelo rosto. “Os dedos dela doem às vezes, então abro os potes de vidro para ela e coisas assim. Faço companhia, e ela cozinha e limpa a casa pra mim. Está dando certo por enquanto.”

Esse encontro estava mais fadado ao desastre do que o *Titanic*, mas Kate continuava tentando desviar do iceberg como alguém que luta pela própria sobrevivência. Ela precisava desesperadamente que Bradley fosse “o” cara. Cem é um número de sorte, não é? Cem encontros eram sinal de paciência. Ela havia esperado, investido seu tempo com sabedoria, sempre acreditando no processo. Bem-sucedida proprietária da agência de relacionamentos Kinnection, ela respirava esse negócio o tempo todo. Ela acreditava naquilo, caramba. E já estava começando a ficar meio estranho que a dona da empresa continuasse solteira, sem nenhum pretendente em vista.

Ela dobrou os dedos e lutou contra o impulso de tocar nele. Se houvesse a menor química, ela lidaria com aquele emprego e com a relação estranha que ele tinha com a mãe. O dom que tinha de sentir a energia entre duas pessoas destinadas a ficar juntas era também uma maldição. Quantas vezes já não sentira um pequeno choque ao tocar num casal de almas gêmeas? Quantos homens já não entregara a outras mulheres porque sabia que seu acompanhante da noite, na verdade, tinha de estar saindo com a garçonete ou com a vendedora da loja? Para o trabalho, o dom funcionava bem, mas na vida pessoal era um desastre. Esse poder corria nas veias de gerações de mulheres da família, mas nenhuma antes dela havia decidido usá-lo para os negócios. Ainda assim, ela preferia confiar na tecnologia e na experiência para formar os pares na Kinnection e se esforçava para não deixar que o dom interferisse no plano de negócios original. Para ela, era mais uma maneira de confirmar que haviam feito a

escolha certa, depois que o casal já estivesse mais sério. Mas não pretendia contar a Bradley ou a qualquer outro sobre sua arma secreta.

Estudou-o por cima da mesa e se recusou a perder a esperança. Bradley tinha que ser a escolha certa, mas ela ainda não estava preparada para pôr as mãos nele e confirmar.

A garçonete se aproximou e pôs discretamente a conta no centro da mesa. Bradley olhou para a conta e sacou do bolso uma calculadora. “O.k., como não está redondo, eu fico com a maior parte. Você paga quarenta e três, e eu, 44,63. Já com a gorjeta. Pode ser?”

Kate ficou parada, enquanto seu sonho de encontrar uma alma gêmea desaparecia tão rapidamente quanto a Bruxa Malvada do Leste, sem que ela sequer ganhasse um lindo par de sapatos vermelhos no processo. “Claro.”

“Ótimo. Cartão ou dinheiro?”

Pôs a mão dentro da bolsa Coach e tirou de lá o Visa. “Cartão. Crédito.”

“Obrigado.”

O garçom parou junto à mesa deles. “Já terminou, senhor? Senhorita?”

Bradley assentiu, com o olhar fixo no peito largo e musculoso do jovem, que recheava o elegante uniforme vermelho e preto. Kate sentiu um nó de pânico em sua barriga e percebeu o ar carregado ao seu redor. *Não. Não era possível.*

Mas ela precisava saber.

O garçom se esticou para pegar o prato, lançando um olhar enviesado e sedutor para o acompanhante dela. Kate respirou fundo e esbarrou na mão dele com o braço, ao mesmo tempo que os dedos da outra mão tocaram em Bradley.

Um choque leve atravessou a pele dela e fez o corpo todo vibrar. Bradley sorriu para o garçom, o rosto marcado pelo desejo mais puro.

Ah, droga.

É, não tinha mais jeito.

Ela segurou um suspiro e desistiu do número cem. “Bradley, eu já volto. Preciso ir ao toalete.”

“Claro.”

Pegou a bolsa e se enfiou pelo corredor. Depois de alguns minutos, o garçom passou, e ela tocou no braço dele. “Com licença?”

“Pois não, senhora.”

Deu uma olhada no crachá dele. “Gabe, me desculpa, mas será que você poderia dar um recado ao meu acompanhante? Não estou me sentindo bem e preciso ir embora. Mas tenho certeza de que ele vai gostar de ficar, se puder. Você não quer convidá-lo pra tomar um drinque no seu intervalo?”

O rosto de Gabe ficou vermelho. “Vocês não estão juntos?”

Kate sorriu. “Não, eu não faço o tipo dele. Tenho certeza de que ele vai se interessar, se você convidar.”

Seus olhos escuros brilharam, e ele admitiu. “Eu também me interesso.”

“Obrigada. Boa sorte. Vou sair discretamente pela porta lateral.”

Foi embora do restaurante, dividida entre o desespero da situação e a felicidade de ter aproximado um casal. Caramba, o gaydar dela estava péssimo.

A noite de março estava fria em Verily. Ela respirou fundo, sem querer voltar tão cedo para casa. As lojas ficavam abertas no sábado à noite, e eram só oito e meia. Suas botas de salto alto faziam barulho na calçada conforme ela caminhava, apreciando a pequena cidade artística à beira do rio Hudson, repleta de lojas e cafés descolados. Pequenas lâmpadas brancas decoravam as árvores que ladeavam a calçada, e dava para ouvir a música que tocava no Mugs, um bar bastante popular que também fazia as vezes de boate. A lua cheia já estava alta sobre o rio, iluminando a ponte Tappan Zee, que brilhava ao longe. Ela ziguezagueou entre pedestres com cães em coleiras e grupos risonhos de universitários e depositou um dólar no estojo do violão de um jovem que cantava sobre corações partidos.

A solidão bateu. Ela estava tão cansada. Quando seria a sua vez? Quando é que finalmente encontraria uma conexão para si mesma? A não ser que...

Talvez nunca encontrasse. Magoada pelas decepções constantes, imaginou que talvez fosse melhor desistir do sonho de encontrar a alma gêmea. Talvez, apenas talvez, não houvesse mesmo um homem ou uma mulher para cada pessoa. Talvez, apenas talvez, seu destino fosse ficar sozinha.

Segurou a vontade de chorar e de se entregar a um festival de auto-

piedade. Ela estava cheia. Se fosse a mais um encontro decepcionante, era capaz de não se recuperar. Que se dane o amor. Ela compraria um livro novo, voltaria para casa e para Robert e se enfiaria debaixo de um cobertor.

Kate parou em frente à loja de livros usados. Era hora de mudar. Nada de encontros. Nada de perseguir o amor. Ela se concentraria na empresa, nos amigos e em fazer coisas que a deixassem feliz.

De cabeça erguida e firme na nova resolução, entrou na loja. O sensor de presença tocou. Imediatamente, se viu cercada por perfumes familiares e maravilhosos. Couro. Papel. Naftalina. Perfeição.

Atravessou o tapete gasto e parou em frente ao balcão antigo. “Tem alguma coisa pra mim, Hector?”

O garoto atrás da mesa era magricelo, com o rosto cheio de espinhas e os cabelos arrepiados pintados de roxo. Hector balançou a cabeça e sorriu. “Estava esperando por você, Kate. Tem uma caixa fechada de livros usados nos fundos. Mas ainda não tive tempo de separar, então pode ser que você não ache nada.”

Ela se arrepiou com a possibilidade que o desconhecido oferecia. Será que algum dia enjoaria de abrir caixas de livros e vasculhar tesouros? “Sem problemas. Vou lá atrás olhar, se você não se incomodar.”

O menino fez um gesto na direção dos fundos da loja. “Pode ficar à vontade. Vai me poupar trabalho.”

“Obrigada.” Kate atravessou o corredor deserto e entrou no depósito. O cômodo lotado tinha uma infinidade de caixas, arquivos e papéis, completamente desorganizados. O novo carregamento, entretanto, estava sinalizado. Puxou a caixa e abriu-a com as próprias mãos, dispensando o estilete. Nunca havia mesmo sido capaz de manter as unhas feitas.

Kate se sentou com as pernas cruzadas no chão de concreto frio e foi tirando os livros, um a um. Romance, biografia. Alguns de dieta. Separou de um lado os que queria olhar e logo achou um ótimo, sobre sinalis e gestos, mas que parecia já um tantinho ultrapassado. Afinal, tendências dos anos 80 vivem voltando. Quem sabe não poderia ser útil? Juntou-o à pilha que crescia. Um livro interessante sobre como os homens se relacionam com os cães. Definitivamente era um que ela não podia deixar passar. E então...

Seus dedos tocaram uma capa coberta de tecido. Ela puxou o livro de dentro da caixa, e o roxo forte ofuscou seus olhos. *O livro dos feitiços.* Título simples. Edição pequena, formato quadrado. Não era um romance. Talvez fosse um guia. Forçou um pouco a lombada para abri-lo e passou os olhos pela primeira página.

Com a ponta dos dedos, sentiu uma vibração discreta. Sua barriga deu uma cambalhota, como se tivesse acabado de ver um cara interessante em vez de um simples livro. A vibração foi ficando mais forte conforme ela virava as páginas. Reparou em um antigo feitiço de amor e em um cântico de louvor à Mãe Terra. Fascinante. Nunca havia visto nada parecido; não trazia sequer o nome do autor. Como era possível?

Não havia dúvida, aquele iria para casa com ela. Talvez fosse uma boa distração para os clientes.

Kate pôs o livro na pilha.

Uma descarga de eletricidade percorreu seu corpo como se tivesse enfiado um fio molhado na tomada. Deu um grito e caiu para trás, olhando fixamente para a capa roxa. Que diabos era aquilo? Talvez o tecido tenha provocado algum tipo de estática. Mas, droga, doeui.

“Precisa de uma ajuda aí atrás?”

A voz de Hector ecoou pela loja. Balançando a cabeça, ela ficou em pé e colocou a caixa de volta no lugar. Com cuidado para não tocar no livro roxo, levantou sua pilha de tesouros do chão e foi andando de volta para a frente da loja.

“Já peguei o que queria. Hector, vou ficar com seis livros. Põe na minha conta, por favor!”

“Pode deixar. Boa noite pra você.”

Sentindo-se um pouco melhor depois das compras, Kate se dirigiu ao carro para mais uma típica noite de sábado, com livros e a companhia do seu cachorro.

Adeus, número cem. Aquele encontro merecia um lugar no livro dos recordes de piores desastres.

Ainda levaria um bom tempo até que encontrasse forças para começar a pensar no centésimo primeiro.

# 1

“Estou me mudando.”

Slade observou a irmã arrastar as enormes malas floridas pelo corredor e deixá-las junto à porta de entrada. Um pânico estranho rugiu dentro do seu corpo, mas ele ficou congelado no hall, vendo a cena se desenrolar. Ai, merda. Ela não estava pronta para ir a lugar nenhum sozinha, mas ele tinha que arrumar um jeito de convencê-la disso sem parecer o irmão louco e controlador. Manteve a voz suave e firme.

“Jane, não me parece uma boa ideia. Sei que você quer ter um canto seu, mas não acho que você esteja pronta. Além do mais, vou ficar muito sozinho aqui. Vai com calma, assim que puder te ajudo a encontrar um apartamento.”

Jane se virou num movimento brusco, com as mãos nos quadris e aquele olhar feminino furioso que ele conhecia bem. Basicamente, ele tinha escolhido as palavras erradas de novo. “Primeiro, me dá um crédito. Eu estou pronta. Agradeço que você tenha me deixado morar aqui, mas já devia ter me mudado há um ano. E se você se sente sozinho é porque se recusa a ficar com uma mulher por mais de uma noite.”

Slade hesitou. Injusto. Ele era sempre discreto em relação às mulheres e nunca precisara que a irmã se aproximasse de nenhuma delas — até porque os compromissos de longo prazo estavam sempre fadados ao fracasso. Só as estatísticas de casamentos desfeitos já davam arrepios.

Ela marchou pela ampla sala de estar e foi até a estante pegar alguns livros das prateleiras. Caramba, aquele era o novo livro de receitas do *The Chew*? Ele ainda não havia sequer visto as fotografias. “Seja razoável, Jane. Você não tem pra onde ir, e não quero que fique num estúdio vagabundo em Manhattan. Vai custar um milhão de dólares e não vai ser seguro. Ainda está chateada com o término do namoro? Podemos ir fu-

rar os pneus dele, ficar bêbados e assistir a comédias românticas. É isso que as mulheres fazem, não é?”

Jane jogou a cabeça para trás e riu. “Meu Deus, Slade, se não te amasse tanto, acho que eu te mataria. Já tenho pra onde ir. Aluguei um apartamento em Verily, na beira do rio. Larguei meu emprego e arrumei outro, na faculdade de lá.”

A sala começou a girar. Ele olhou para a irmã, normalmente tímida, lógica, firme, e se perguntou o que ela teria bebido para se transformar naquela outra mulher. “Largou o emprego? Você estava quase virando professora titular!”

“E eu odiava aquilo. Esnobe, pomposo e chato. Odeio Manhattan também. É lotada e me dá dor de cabeça na maior parte do tempo.” Jane respirou fundo e enfiou os livros na bolsa. Seu cabelo longo e negro florescia em um redemoinho de cachos, e os olhos castanhos o encaravam com tristeza por trás dos óculos grossos de armação preta. “Não aguento mais”, disse ela. “Preciso recomeçar, mas do meu jeito. Verily é pequena e charmosa, e a faculdade é especializada no uso da criatividade na literatura. Posso crescer lá. Talvez até encontre um homem que não queira sugar todas as minhas energias e depois me largar.” Deu um riso seco que fez o coração de Slade se apertar de medo.

Ele não podia deixá-la ir. Se alguma coisa acontecesse, a culpa seria dele. De novo. Enquanto eles estivessem vivendo debaixo do mesmo teto, ele ao menos teria tempo de notar caso ela começasse a descer mais uma vez ao fundo do poço. Slade decidiu ligar o “modo advogado”. Ser um dos maiores especialistas em divórcio no estado tinha que servir para mais do que simplesmente ganhar dinheiro. “Eu comprehendo que você queira ficar sozinha. Concordo que já é hora, mas largar o emprego e correr para uma cidade que você não conhece é perigoso. Vou com você para Verily no fim de semana. Te ajudo a olhar, e quem sabe não conhecemos umas pessoas por lá, pra você não ficar tão sozinha? Vamos resolver isso juntos.”

Ela aumentou a voz até atingir um volume perigoso. “Não quero resolver nada junto com você! Quero decidir minhas coisas por conta própria. Ah, pelo amor de Deus, olha para este lugar.” Abriu os braços, apontando para o apartamento dele, um loft caro no cobiçado bairro de

Tribeca. O espaço enorme se dividia em dois andares, com uma elegante escada de vidro entre eles. Janelas cobriam as paredes do chão até o teto e davam vista para a cidade de Manhattan. Obras de arte caras, piso de madeira, mesas de vidro modernas, bancadas de granito e enormes poltronas de couro completavam a típica decoração de “apartamento do homem solteiro”.

“Qual é o problema? Tem bastante espaço aqui.”

“É a sua casa! Há três anos que não tenho nada meu. Já estou com vinte e oito. Já é hora de fazer as coisas do meu jeito, sem ninguém se preocupar se eu vou ter um surto caso algo dê errado.”

Ele vacilou. Jane era extremamente sensível e sempre enfrentara dificuldades para viver nesta sociedade tão cruel. Ele já tinha visto uma longa fila de homens fazê-la sofrer, amassando-a como uma flor sob seus sapatos, até que não sobrasse nada além de algumas pétalas soltas. Ele havia jurado que nunca mais deixaria ninguém magoá-la. Ele tinha que fazê-la ficar.

“Jane, sei que você é muito mais forte agora. Não pense que eu vivo na expectativa de que você entre em crise. Só acho que seria melhor esperar.”

“Eu discordo.” Jane abriu a porta do armário, pegou o casaco preto de lã e meteu os braços nas mangas. “Quando eu me instalar, você pode levar o resto das coisas e me fazer uma visita. Acho que você vai gostar de Verily. E não vou ficar sozinha por muito tempo. Decidi me inscrever numa agência de relacionamentos.”

Sim. Ela definitivamente estava mudada. “Você não pode estar falando sério. Tem noção de quantas agências dessas são fechadas por fraude? Não existe isso de par perfeito, você sabe muito bem. O que deu em você?”

Ela levantou o queixo. “Cansei de viver com medo, conhecendo só homens errados. A Kinnection é uma empresa respeitada. Gostei das garotas que trabalham lá, confio nelas. Então pode ficar sossegado, porque não vou me trancar no meu apartamento e entrar em depressão. Vou sair e conhecer gente. Dessa vez vai ser diferente.”

“Essa agência vai só tirar o seu dinheiro e dar falsas esperanças. E se não funcionar e você pirar? Não vou ficar quieto, vendo você ser

destruída novamente por gente sem escrúpulos interessada no seu dinheiro.”

Ela deu um grito, cheio de indignação. “Você por acaso está se ouvindo? Meu Deus, pare de me proteger. Eu sou uma pessoa diferente daquela de três anos atrás, e você está me sufocando! A mamãe e o papai não iam querer que eu vivesse escondida nessa sua caverna, só vendo a vida acontecer para as outras pessoas.”

“Mamãe e papai nunca a encontraram no chão do banheiro tendo uma overdose de remédios. Mamãe e papai não a seguraram nos braços, rezando pra você não morrer!”

O silêncio caiu sobre os dois. Slade fechou os olhos por um instante, sentindo a dor despedaçá-lo. As palavras se embaralharam com uma culpa e uma súplica que reviraram seu estômago. A lembrança de quando a encontrara, naquela tentativa de suicídio, fez com que ele mudasse de tom. Ele só queria que ela estivesse segura. Será que ela não compreendia isso?

A voz dele falhou. “Sinto muito, Jane. Não queria ter trazido isso à tona.”

O sofrimento acentuava as linhas do rosto dela, e seu lábio inferior tremia. “Queria, sim. Sinto muito que você tenha passado por tudo aquilo. Mas eu não sou mais a mesma pessoa. Eu mereço ser feliz e vou atrás disso. Claro, talvez eu me machuque no caminho, mas agora sei lidar com isso, Slade. Estou mais forte.” Pendurou a bolsa no ombro e agarrou a alça da mala. “Não te culpo por não confiar em mim. Mas vou provar que posso me virar. Você não é mais responsável por mim.”

“Pelo amor de Deus, deixa eu te ajudar. Vamos jantar e conversar mais sobre isso.”

Ela abriu a porta com força. “Não. O porteiro está me esperando lá embaixo.”

“Mas eu preciso de um número, um endereço, alguma coisa.”

“Eu te ligo quando estiver instalada. Amo você.”

Ela foi embora. Dessa vez, ele não a impediu. Parte dele reconhecia que era importante que a irmã trilhasse seu próprio caminho. A outra metade prometeu destruir qualquer coisa que tentasse magoá-la. Ou qualquer um.

Depois de dizer um palavrão em voz baixa, foi até o computador e digitou algumas palavras.

*Kinnections. Agência de relacionamentos. Verily.*

Encarou a tela por um instante e tomou sua decisão.